

A poética da favela: linguagem, estilo e escrevivência em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus

The Poetics of the Favela: Language, Style, and 'Escrevivência' in "Quarto de despejo: diário de uma favelada", by Carolina Maria de Jesus

INGRID VITÓRIA JESUS SANTOS

Discente de Letras Vernáculas (UFS)
ingridriios@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (2014), a partir da relação entre linguagem, estilo e escrevivência. Como mulher negra, pobre e moradora da favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus constrói uma escrita singular que ultrapassa a esfera individual e se transforma em testemunho coletivo da fome, da exclusão e da desigualdade social. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, tem como objetivo compreender como a autora desenvolve uma poética própria, denominada por estudiosos de “poética de resíduos”, que combina oralidade, lirismo e denúncia social. A partir do conceito de “escrevivência”, elaborado por Conceição Evaristo, a análise evidencia que a escrita de Carolina Maria de Jesus é não apenas relato, mas também literatura de resistência, capaz de romper fronteiras do cânone e de afirmar o lugar da favela e da mulher negra na literatura brasileira.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; escrevivência; poética de resíduos; favela.

Abstract: This paper analyzes *Quarto de despejo: diário de uma favelada* by Carolina Maria de Jesus (2014) through the relationship between language, style, and *escrevivência*. As a Black woman, poor, and a resident of the Canindé favela, Carolina Maria de Jesus constructs a singular form of writing that transcends the individual sphere and becomes a collective testimony of hunger, exclusion, and social inequality. This qualitative and bibliographic research aims to understand how the author develops her own poetics—referred to by scholars as a “poetics of residues”—which combines orality, lyricism, and social denunciation. Drawing on the concept of *escrevivência*, coined by Conceição Evaristo, the analysis reveals that Carolina Maria de Jesus’s writing is not merely a personal account but also a literature of resistance, capable of breaking the boundaries of the literary canon and affirming the place of the favela and the Black woman within Brazilian literature.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; escrevivência; poetics of residues; favela.

1 INTRODUÇÃO

A obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, publicada em 1960, inscreve na literatura brasileira uma voz até então silenciada: a da mulher negra, pobre e periférica. Carolina Maria de Jesus, catadora de papel e moradora da primeira grande favela de São Paulo, narrou, em seus cadernos, a experiência de viver à margem, revelando a fome, a exclusão e a violência como partes de um cotidiano coletivo. Mais do que simples registro autobiográfico, sua escrita expõe a favela com um ato de resistência e, ao mesmo tempo, cria uma linguagem poética marcada por rupturas com a norma culta, mas dotada de autenticidade e força estética.

Nesse sentido, este trabalho propõe analisar a obra de Carolina Maria de Jesus a partir de três eixos centrais: a linguagem, que revela uma escrita híbrida entre oralidade e lirismo; o estilo, definido como uma “poética de resíduos”; e a escrivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, que ajuda a compreender a dimensão coletiva e política da narrativa.

Dessa forma, formula-se a seguinte questão central: de que modo a escrita de Carolina Maria de Jesus, em “Quarto de despejo”, constrói uma poética própria, marcada pela linguagem híbrida, pelo estilo original e pela escrivência, capaz de romper os limites do cânone literário e de afirmar a voz da mulher negra e periférica na Literatura Brasileira? Para responder a essa questão, o trabalho teve como objetivo analisar a obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, destacando como sua linguagem, estilo e escrivência configuram uma poética singular que articula denúncia social, resistência política e expressão estética. Como desdobramentos, buscou-se contextualizar a trajetória de Carolina Maria de Jesus e a recepção crítica de “Quarto de despejo”; discutir o conceito de escrivência, proposto por Conceição Evaristo, e sua aplicação à escrita de Carolina Maria de Jesus nessa obra; examinar o estilo da autora, definido como “poética de resíduos”, e sua relação com a linguagem híbrida presente na obra.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa utilizou-se de uma abordagem metodológica qualitativa. O *corpus* é a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. A pesquisa bibliográfica contou com estudos críticos sobre sua produção literária e pelo conceito de “escrivência”, desenvolvido por Conceição Evaristo.

2 A AUTORA E A OBRA

O cotidiano da favela já foi explorado por diversas obras, mas “Quarto de despejo” se destaca por trazer uma perspectiva diferente: a de quem realmente vive nesse contexto. Carolina Maria de Jesus narra sua trajetória em forma de diário. Mulher negra, migrante, moradora da primeira grande favela de São Paulo, semi-analfabeta e mãe solo de três filhos, ela SOBREVIVE catando papel.

A obra retrata com clareza o cotidiano difícil dos moradores de favelas na década de 1950, abordando aspectos como hábitos, presença constante da violência, escassez de alimentos e de condições de extrema pobreza. Embora o tempo tenha avançado e a cidade tenha se transformado, a dura realidade de quem vive à margem

continua bastante semelhante. Por isso, o testemunho de Carolina permanece atemporal e profundamente comovente.

A autora chamou a atenção de Audálio Dantas, repórter que “descobriu os diários. Ele relata sua entrada na história de “Quarto de despejo”, inicialmente como jornalista encarregado de cobrir a favela do Canindé. Lá, encontrou Carolina Maria, uma mulher negra que logo se destacou como alguém com uma poderosa história a contar. Ao conhecer seus quase 20 cadernos encardidos, decidiu abandonar a reportagem e dar lugar à narrativa de Carolina, reconhecendo que ninguém poderia relatar a favela com mais autenticidade. A partir da publicação de trechos do diário em jornais e revistas, surgiu o livro, cuja edição ficou sob sua responsabilidade.

Ele explica que leu todos os cadernos e fez cortes apenas para evitar repetições excessivas, mantendo a essência da vivência na favela. A repetição da rotina e da descrição da fome, por mais verdadeira que fosse, seria exaustiva de ler. A fome, elemento central e constante na obra, é descrita de forma poética por Carolina, que via o mundo se tornar amarelo diante da necessidade extrema. “Carolina viu a cor da fome — era amarela” (Jesus, 2014, p. 7). O editor admite ter ajustado a pontuação e corrigido grafias para facilitar a leitura, mas sem alterar a força do texto original. Esse é um dos pontos principais desse estudo: a escrita de Carolina, que mistura oralidade, lirismo e rupturas com a norma culta, criando uma linguagem poética e original.

A publicação de “Quarto de despejo” provocou uma transformação radical na vida de Carolina. Seus registros sobre a vida na favela, antes restritos aos próprios cadernos, alcançaram projeção internacional, sendo traduzidos para treze idiomas e publicados em mais de 40 países. O livro rompe padrões do mercado editorial brasileiro, atingindo tiragens de até cem mil exemplares em poucos meses. Com isso, Carolina foi projetada à fama, tornando-se alvo de interesse da mídia e do público, que a viam ora como símbolo de superação, ora como curiosidade exótica.

Apesar de questionamentos sobre a autoria do texto, críticos como Manuel Bandeira defenderam a autenticidade de sua “linguagem original”. O impacto da obra extrapolou o meio literário e reacendeu debates sobre a realidade das favelas, levando inclusive à criação de movimentos sociais. Mesmo com a transformação urbana da antiga favela do Canindé, a realidade retratada por Carolina persiste, e sua obra continua atual diante da permanência da exclusão

Após o lançamento de “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus enfrentou um processo de apagamento típico de produções que fogem ao cânone literário tradicional, especialmente por sua origem em contextos historicamente marginalizados e ainda marcados por heranças do colonialismo e da escravidão. Nos últimos anos, a crítica literária tem revisitado a obra da autora, reconhecendo seu valor estético e político, além de sua importância para reflexões sobre racismo, identidade, escrita periférica e a experiência da mulher negra no Brasil

Carolina faleceu em 13 de fevereiro de 1977, pouco antes de completar 63 anos, em condições semelhantes às que vivia antes da fama: em situação de pobreza e trabalhando novamente como catadora de papel. Sua trajetória foi marcada pelo preconceito e pela rejeição de setores elitizados da sociedade, que desvalorizavam sua produção literária. A redescoberta de sua obra ocorreu nos anos 1990, graças ao trabalho

conjunto do pesquisador brasileiro Carlos Sebe Bom Meihy e do norte-americano Robert Levine, que lançaram o livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*.

Diferentemente do Brasil, sua escrita continuou sendo valorizada em outros países; “Quarto de despejo”, por exemplo, foi adotado durante anos em escolas norte-americanas. Durante sua vida, foram publicados “Pedaços de fome” e “Provérbios”, ambos em 1963. Após sua morte, outras obras vieram a público, como “Diário de Bitita”, com memórias da infância e juventude, “Um Brasil para brasileiros” (1982), “Meu estranho diário” e “Antologia pessoal” (1996).

3 NARRAR PARA EXISTIR: A ESCRIVÊNCIA COMO ATO DE RESISTÊNCIA

Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914 em Sacramento (MG), veio de uma família muito pobre e precisou abandonar os estudos ainda criança para trabalhar. Após a morte da mãe, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica até engravidar e ser marginalizada por ser mãe solteira. Sem apoio, passou a viver nas ruas e tornou-se catadora de papel, sendo levada, junto com outros moradores de rua, para a favela do Canindé.

Ali, construiu com as próprias mãos um barraco onde viveu por cerca de dez anos com os três filhos, enfrentando fome e extrema miséria. Ao encontrar um caderno no lixo, reacendeu seu desejo de escrever e começou a registrar, em forma de diário, o cotidiano da favela e as injustiças sociais.

Dessa escrita nasceu “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, obra que lhe deu notoriedade ao retratar, de forma direta e impactante, a vida marcada pela fome, pela exclusão e pela busca de dignidade. O próprio título simboliza a favela como o “quarto de despejo” da sociedade, lugar onde são descartados os indesejáveis. Carolina retrata isso em sua obra ao afirmar: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2014, p. 34).

Para entender a ideia de escritvivência, é preciso voltar a Conceição Evaristo. Nas últimas décadas, esse conceito tem ganhado cada vez mais destaque nas pesquisas acadêmicas. Ele surgiu em 1996, na dissertação de mestrado da autora, no capítulo “Escrever Inscre-Vi-Vendo-se pela memória da pele”. Ao brincar com as palavras “escrever, viver e se ver”, Evaristo cria o termo que hoje conhecemos como escritvivência. É por meio do fazer poético que o corpo negro busca se libertar, inserindo na literatura não apenas marcas da dor, mas também memórias e narrativas que ressignificam essa trajetória. A escrita, nesse sentido, é uma forma de recuperar uma identidade que a história tentou fragmentar, permitindo que esse corpo se torne narrador de si mesmo.

Quando o corpo negro assume a própria voz, passa a contar sua história tal como ela é. Oliveira (2009) explica que a escritvivência se organiza em três dimensões: o corpo, a condição e a experiência. O corpo aparece como espaço de resistência e de desconstrução dos estereótipos. A condição diz respeito ao lugar social das personagens que habitam a narrativa, quase sempre pessoas à margem. Já a experiência é o recurso estético que transforma vivências individuais em literatura capaz de tocar o leitor.

Essa tríade que compõe a escrevivência se materializa no trecho a seguir, quando a autora performa o corpo-condição-experiência, indo além da simples representação para denunciar as violências que assolam uma coletividade.

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 40-41).

Carolina deseja a emancipação do corpo e da condição financeira. Confirmando essa discussão, Evaristo destaca que a escrevivência nasce como um caminho de emancipação do corpo negro, especialmente o feminino. Assim, fica claro que, em sua essência, a escrevivência se apoia na figura da mulher como uma resposta ao sistema escravagista, que lhe negava qualquer poder de fala. O conceito surge para romper e desmontar uma visão antiga e profundamente enraizada: a de que a mulher negra deveria existir apenas como força de trabalho e submissão, nunca como sujeito pensante e produtora de conhecimento.

Carolina relata que o que a impedia de alcançar o sucesso era sua cor. As pessoas reconheciam seu talento, mas: “[...] Escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: — É uma pena você ser preta” (Jesus, p. 63-64). Escrever, para Carolina, é não apenas narrar por narrar ou alimentar a curiosidade do olhar branco; é mostrar um gesto de denúncia, uma forma de expor o que a comunidade afro sofreu e continua sofrendo. Pela escrevivência, vozes antes silenciadas revelam aquilo que a cultura dominante preferiu esconder ou fingir que não existia: uma realidade marcada pela dor, pela fome e por tantas privações. Para Evaristo, o termo vai além da simples união entre “escrita” e “vivência”; ele traduz uma narrativa que acolhe a vida dos excluídos, mostrando-os como realmente são, sem filtros.

4 A POETISA DA FAVELA: O ESTILO CAROLINIANO

A escrita de Carolina Maria de Jesus apresenta um estilo muito original e peculiar. É uma escrita híbrida, que mistura estruturas elaboradas, vocabulário refinado e usos linguísticos que se afastam da norma culta do português brasileiro. Ela se denominava a “poeta do lixo”. Apesar de ter estudado por pouco tempo (o suficiente para que aprendesse a ler e escrever), Carolina era letrada, tinha grande interesse em ler e um dom extraordinário para escrever.

Contudo, não dominava plenamente a norma culta da língua portuguesa, o que faz com que seus textos apresentem desvios ortográficos, de concordância, pontuação, acentuação e até alterações de letras. Fernandez (2019) chama esse estilo de “poética de resíduos”, descrevendo o contraste entre a norma culta e as marcas da fala marginal presentes na escrita da autora. Assim como Carolina recolhia restos para sobreviver como catadora, sua escrita também é formada por resíduos. É uma espécie de “reciclagem literária”, em que ela reúne fragmentos de discursos alheios, costurando

pedaços de ideias e formas diversas em seus textos (Fernandez, 2019). Observe o exemplo do seu estilo nesse fragmento:

Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os *raios solar* para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro *surgiu* os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão. *Puis agua* no fogão para fazer café” (Jesus, 2014, p. 12).

Segundo Fernandez (2019), a escrita híbrida de Carolina reflete tanto sua condição marginal quanto o desejo de ampliar seu horizonte de vida para além da linguagem restrita à favela. Nessa perspectiva, a tentativa de produzir uma escrita “literária” funciona como uma estratégia de fuga. A escrita funciona para ela como uma forma de desabafo e controle dos impulsos. Quando ela era ofendida pelos outros moradores da favela, recorria ao lápis e ao caderno e lá tentava colocar para fora as injúrias sofridas.

Por causa de seu estilo original, estudos apontam que ainda há quem desconsidere Carolina Maria de Jesus como escritora, alegando que seu livro seria apenas um relato. No entanto, diários como os de Jean-Paul Sartre, Anne Frank ou até de Getúlio Vargas e Fernando Henrique Cardoso, no Brasil, são amplamente reconhecidos e jamais vistos como “subliteratura”.

Defender a escrita de Carolina Maria de Jesus é, antes de tudo, romper com o olhar elitista que define o que deve ou não ser considerado literatura. Quando desqualificam “Quarto de despejo” como mero “relato”, ignoram que a literatura não se limita à obediência à norma culta ou ao refinamento técnico. A força do texto caroliniano está justamente em sua autenticidade e em sua capacidade de transformar a experiência vivida em denúncia social.

Seu estilo é uma “poética de resíduos”, como define Fernandez (2019), mas não no sentido de precariedade, e sim de resistência. Assim como ela catava restos para sobreviver, também catava palavras, ideias e expressões para construir uma narrativa que expõe as entranhas da desigualdade social. Sua escrita, mesmo marcada por desvios da norma culta, carrega uma precisão de linguagem rara, capaz de transmitir com brutalidade e lirismo a realidade que a cercava.

Portanto, negar o valor literário de Carolina é, na verdade, negar a legitimidade de uma voz que vem das margens. Sua obra é mais do que autobiografia ou diário: é literatura de denúncia, é memória coletiva, é um ato político que ressignifica o lugar do negro e do pobre na Literatura Brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de “Quarto de despejo” permite reconhecer a relevância estética, social e política da escrita de Carolina Maria de Jesus, que transforma a experiência de exclusão em linguagem literária. Sua obra inaugura uma poética da favela que não se limita ao registro documental, mas insere a fome, a miséria e a resistência como matéria-

prima para a criação. O estilo caroliniano, marcado pela oralidade e pelo lirismo, reafirma a “poética de resíduos” como força criativa, enquanto a escrevivência possibilita que sua trajetória pessoal se converta em narrativa coletiva e ato de denúncia.

Assim, “Quarto de despejo” não apenas denuncia a realidade de um Brasil marginalizado, mas também questiona os limites da própria literatura, ao mostrar que a palavra pode nascer da precariedade e, ainda assim, adquirir potência estética. Valorizar a obra de Carolina Maria de Jesus significa ampliar o campo da crítica literária, desafiando fronteiras elitistas e reconhecendo na escrita periférica uma das expressões mais autênticas da Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

BATISTA JUNIOR, Flávio Lindolfo. **A escrevivência nas obras “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, e “Cartas a uma negra”, de Françoise Ega.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

CALIXTO, Tatiane. O poder da escrevivência: lições de Conceição Evaristo para a Educação. **Nova Escola**, 2025. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/22095/escrevivencia-licoes-de-conceicao-evaristo-para-a-educacao>.

CÔRTEZ, Daynara Lorena Aragão. **Identidades socioespaciais nas escrevivências carolinianas.** 2020. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14685>.

FENSKE, Elfi Kürten. **Carolina Maria de Jesus: a voz dos que não têm a palavra.** Elfi Kürten, 2023. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html?m=1>.

FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus.** São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

GOMES, Aurielle; BRANCO, Sinara de Oliveira. A “poética de resíduos” de Carolina Maria de Jesus em *The Unedited Diaries*. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 12, n. 1, p. 81-94, abril 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

OLIVEIRA, Luiz H. S. de. “Escrevivências”: rastros biográficos em “Becos da memória”, de Conceição Evaristo. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 17, n. 2, p. 85–94, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroja/article/view/25008>.